

Estratégias para demonstrar o valor da biblioteca escolar e obter colaboração

MARIA DO CÉU GOMES DIAS RODRIGUES

Escola Secundária de Maria Lamas de Torres Novas (ESML)

ceu.dias@gmail.com

Resumo:

O "Apoio ao desenvolvimento curricular", formalizado através do Domínio A do "Modelo de auto-avaliação da biblioteca escolar", lançado em 2008, pela Rede de Bibliotecas Escolares, tendo em vista o desenvolvimento das literacias da informação, tecnológica e digital, exige uma relação próxima entre a biblioteca escolar (BE), os professores e as estruturas da escola. Através de um estudo de investigação-acção (IA), realizado numa escola secundária com 3º Ciclo, testámos a viabilidade da introdução de um nível de interacção mais elevado entre o professor bibliotecário (PB) e os professores, com o intuito de desenvolver nos alunos competências de informação. Para o efeito, analisámos as concepções dos docentes sobre o ensino destas competências e sobre a função da BE e testámos diversas estratégias com o intuito de as tornar mais favoráveis à colaboração. Através deste trabalho conseguimos alterar, ainda que numa percentagem reduzida, as concepções de alguns docentes, que superaram certos mitos e naturalizaram o trabalho colaborativo com a BE nas suas práticas. Observou-se uma mudança de linguagem entre os docentes, que conduziu a novos discursos no plano institucional, inscritos nos documentos de referência. Tomando em consideração um conjunto de saberes práticos, de que o PB se pode munir para catalisar o processo de mudança, este deve continuar a investir, no território educativo, para alcançar o "currículo integrado", procurando superar mudanças adversas, como a supressão da Área de Projecto, em que o estudo se ancorou inicialmente, e tentar tirar partido de novas oportunidades, como o Programa Educação 2015.

Palavras-chave:

Literacia de informação, integração curricular, bibliotecas escolares, investigação-acção, trabalho colaborativo.

Actualidade e relevância do tema e objectivo do estudo de investigação

Com o advento da Sociedade da Informação, a dimensão pedagógica das bibliotecas escolares tem vindo a ser crescentemente valorizada. Muitos estudos, nomeadamente norte-americanos, canadianos e australianos, provam que as bibliotecas escolares produzem um impacto positivo no sucesso dos alunos, incrementando a motivação pela leitura e pela procura de informação.

Entre nós, este desafio remonta a 1996, através do Relatório "Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares", onde se declara a biblioteca escolar (BE) como um "instrumento essencial do desenvolvimento do currículo". Contudo, não abundam as provas de tal valia e tão pouco as

descrições dos possíveis *modus operandi*, sobretudo ao nível do desenvolvimento das competências de literacia de informação (LI). A Rede Nacional de Bibliotecas Escolares (RBE) lançou, em 2008, um modelo de avaliação, que visa contribuir para o reforço e a evidência do valor das bibliotecas escolares. Trata-se de um documento importante para a orientação do professor bibliotecários (PB) e para a escola. Através deste instrumento, sublinha-se o papel do PB no “Apoio ao desenvolvimento curricular”, formalizado através do Domínio A do referido modelo.

Entre as hipóteses de abordagem ao Domínio A, destaca-se, de acordo com a experiência de outros países, o trabalho colaborativo entre o PB e os professores. Montiel-Overall (2005) define colaboração como sendo um relacionamento de trabalho entre dois ou mais “participantes iguais”, assente na confiança e que, num quadro de partilha, estão envolvidos na concepção, planeamento e criação de situações de “ensino integrado”. O trabalho colaborativo, que implica, assim, o co-planeamento, a co-implementação e a co-avaliação do progresso dos alunos, durante todo o processo de ensino, justifica-se pelo facto de as competências de informação deverem ser desenvolvidas em contexto, ou seja a par e como base àquilo que é ensinado aos alunos.

Importa, contudo, compreender a substância desta colaboração, tendo em vista a sua operacionalização no terreno. Será que se enquadra nas orientações da RBE? Existem, entre nós, experiências exemplares? Sobre o que incide este trabalho e como se concretiza? Quais as suas vantagens, inconvenientes e limites? Atendendo à vigência da compartimentação de saberes, tempo e espaço, à predominância das metodologias transmissivas, a par de uma concepção tradicional de biblioteca escolar, será que o trabalho colaborativo, com base nesta estrutura, poderá germinar no território escolar? Em suma, será este um dos caminhos, através do qual a BE pode contribuir para o sucesso educativo?

Neste quadro de intenções, a missão do PB afigura-se paradoxal e exige o envolvimento da escola na reflexão orientada para a mudança. A fim de dar início à sua missão, o PB tem, antes de mais, que se preparar para liderar este processo. Esta preparação envolve questões de ordem pedagógica e organizacional e uma focalização, na nossa opinião, nas concepções¹ dos docentes, que consideramos, no estudo realizado, como o principal factor condicionador da mudança pretendida. Devemos explicitar aos docentes a nova função da BE e o papel renovado do PB, que se propõe como parceiro para a “sua” sala de aula. Qual a reacção dos professores a esta proposta? Como podemos influenciar as concepções daqueles que não estão preparados para a inovação? Como podemos construir, em conjunto, um caminho de aprendizagem, assente no risco da experiência?

Com a investigação realizada, pretendeu-se compreender e testar formas de a BE contribuir

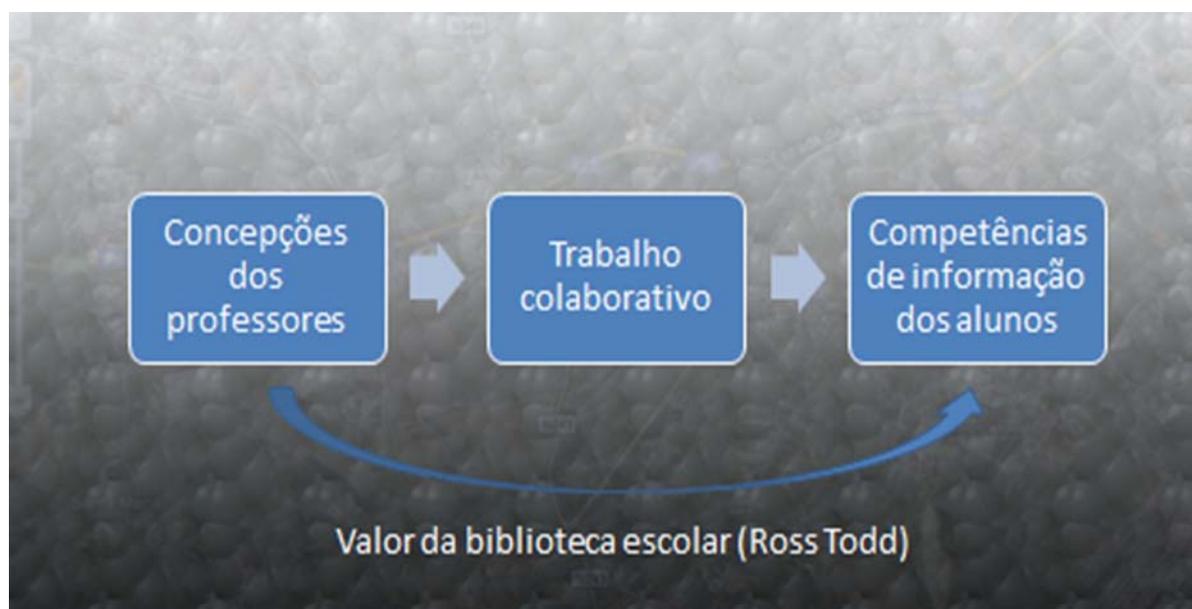


Figura 1 – Finalidade geral da *investigação*

para a melhoria dos níveis de LI dos alunos, através do reforço do trabalho colaborativo, tendo em consideração as orientações da RBE e outros modelos, nomeadamente de outros países, bem como os diversos factores que condicionam o sucesso da sua acção, dos quais salientamos, pelas razões que a seguir exporemos, as concepções dos professores (figura 1).

Motivações para a realização da pesquisa

A focalização das concepções dos docentes decorreu das primeiras experiências, levadas a cabo a partir de 2007/2008, no âmbito do projecto “Uma aula através da BE/CRE”. Mais precisamente em 2008/2009, através da 2ª edição deste projecto, procurámos desenvolver competências literácitas recorrendo ao trabalho colaborativo entre a biblioteca escolar e as Áreas Curriculares não Disciplinares (ACND). Verificámos que, apesar: da pertinência dos objectivos, confirmados pelos baixos resultados observados nos “testes de LI”, aplicados no Ensino Básico; do interesse que observámos nos alunos na continuidade do trabalho que encetámos com eles, na presença dos professores; e da ratificação do projecto pela escola, a adesão por parte dos docentes foi muito inferior à que esperávamos. Assim, a PB apenas desenvolveu trabalho colaborativo com duas docentes e trabalho cooperativo com alguns professores sobre “ética da informação”. Face ao exposto, concluímos que nos havíamos concentrado nos objectivos e no processo, mas havíamos descurado as concepções dos docentes acerca das potencialidades pedagógicas da BE, concretizáveis através do trabalho colaborativo.

Moveu-nos, assim, na realização deste trabalho, a vontade de contribuirmos para a melhoria das práticas de ensino e do contexto, em que as mesmas ocorrem, através da integração explícita das competências de informação no currículo. Tal desiderato apenas pode ser alcançado através do trabalho colaborativo, nos planos organizacional e pedagógico, pelo que considerámos importante estarmos atentos ao surgimento de uma comunidade de prática, tendo em vista o desenvolvimento e a sustentabilidade do programa da BE.

O presente estudo constituiu, também, uma oportunidade para o nosso desenvolvimento profissional, bem como o de outros professores envolvidos.

Objectivo e questões de partida da investigação

É objectivo desta investigação, por um lado, a melhoria do programa da BE, no que toca ao desenvolvimento de competências de informação e, por outro, alcançar uma melhor compreensão acerca das concepções dos docentes e sobre as formas de as influenciar.

Formulámos três questões de investigação: a primeira prende-se com a caracterização das concepções, práticas e expectativas de colaboração dos professores, ao longo do processo; a segunda com a avaliação do impacto da nossa intervenção e a terceira com a detecção do surgimento de uma comunidade de prática em torno do plano de acção da BE.

Fundamentação metodológica

Em 2009/2010, foi lançada uma nova edição do projecto “Uma aula através da BE/CRE”, no qual se integrou um estudo de investigação-acção centrado nas concepções dos docentes. Considerámos que o sucesso deste estudo contribuiria para o sucesso do projecto de intervenção.

Concebemos, assim, um plano de acção e de análise, apresentado na figura 3, e que decorreu entre Junho de 2009 e Abril de 2010.

O objectivo geral do plano de acção tem os alunos como público-alvo, dizendo respeito à melhoria dos seus níveis literácitos. Já o objectivo específico corresponde ao objectivo da investigação, anteriormente descrito.

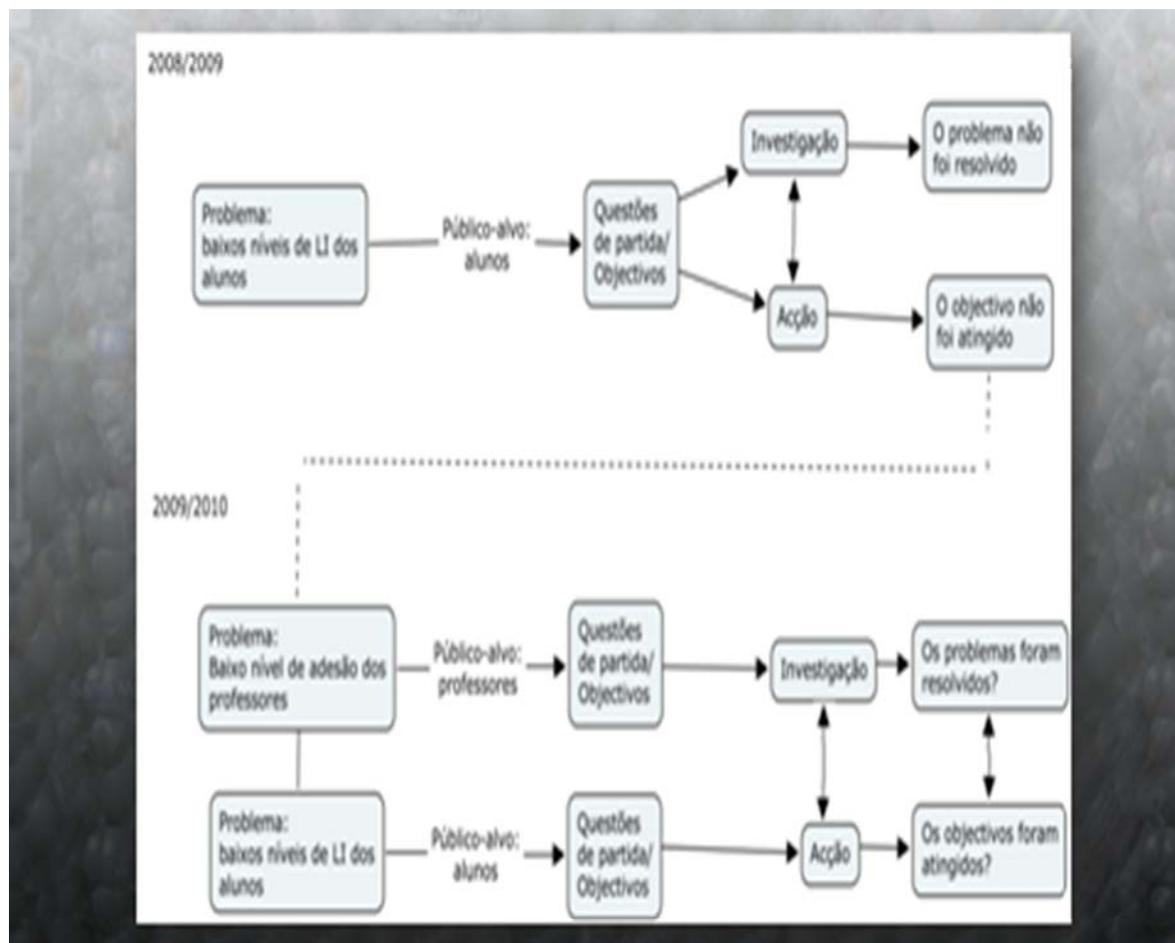


Figura 2 - Relação morfológica entre o projecto de intervenção e o estudo

Os resultados esperados dizem respeito a um plano de *advocacy*, de promoção do trabalho colaborativo com os professores em prol do desenvolvimento de competências de informação, e que deve ser apoiado por evidências. Este plano de *advocacy* abrange as seguintes estratégias:

- Obtenção de apoio por parte dos órgãos de gestão de topo e intermédios
- Melhoria da informação e comunicação com a escola
- Liderança, pelo PB, pautada pelo exemplo
- Formação dos docentes
- Trabalho conjunto de desenvolvimento de competências de informação (em AP, no 7º Ano, e em outras disciplinas)

Podemos distinguir duas dimensões neste plano de acção: uma correspondente “àquilo que o PB pode fazer”, para induzir a apropriação pelos docentes, e que respeita ao plano de *advocacy* e outra onde se equacionam as respostas por parte dos professores e da escola. A finalidade principal do plano de *advocacy* consiste na promoção da reflexão junto dos professores a partir das suas práticas quotidianas. A reflexão constitui, deste modo, o ponto de charneira do plano de investigação-

acção. Pretendemos, por esta via, que se criem e introduzam no quotidiano da escola novos significados, que a afastem da normatividade e da mudança aparente.

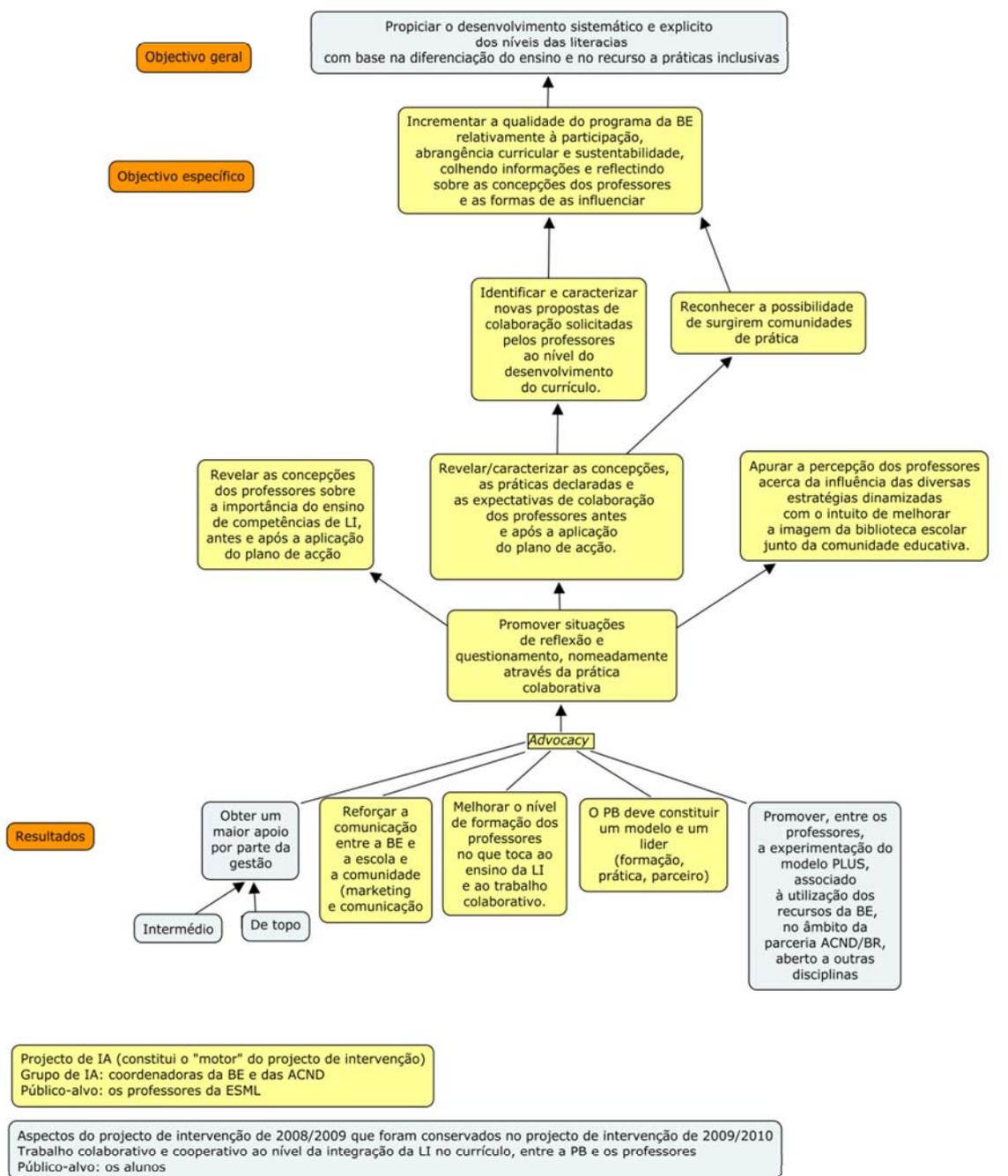


Figura 3 – Relação entre o estudo de investigação-acção e o projecto de intervenção

Convirá realçar, ainda, no que toca às opções metodológicas, que a investigação-acção constituiu a metodologia adequada para este estudo, por três motivos:

- possibilita a compreensão e a melhoria da acção, a par das condições do seu exercício;
- realiza-se através da colaboração, que pretendemos precisamente reforçar neste estudo, e que está na base do sucesso do programa de qualquer biblioteca escolar;
- possibilita a aplicação do processo e das conclusões em situações similares.

O contexto em que se insere a acção do professor bibliotecário

Através do enquadramento teórico propusemo-nos resolver um conjunto de necessidades de informação, com o intuito de concebermos um quadro orientador da acção no terreno. Procurámos, assim, tal como se descreve na figura 4, clarificar o contexto em que se insere a acção do PB, no que toca a orientações e modelos, margem de liberdade, conceitos e práticas relativos à ligação entre a BE e a sala de aula, nos vários planos do sistema educativo: desde o plano macro, à escala

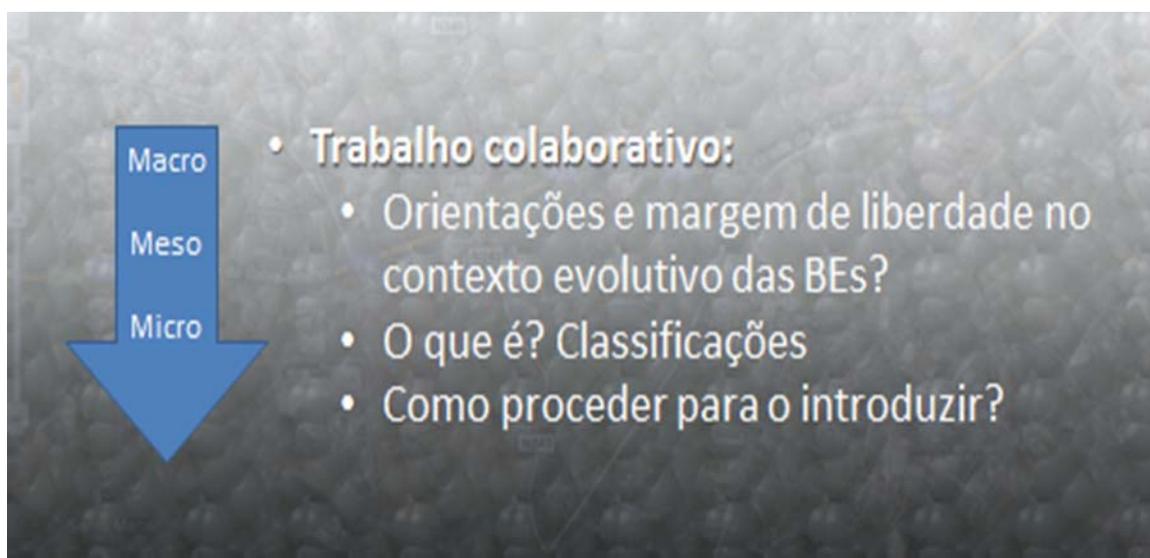


Figura 4 - Fundamentação da estrutura do enquadramento teórico

nacional/tutela, passando pelo plano meso, da organização escolar, até ao plano micro, da interacção entre o PB e os professores. Neste contexto, aprofundámos a noção de trabalho colaborativo e explorámos os modos pragmáticos de o introduzir junto dos professores.

Concluimos, a partir da investigação documental, que no nosso país as experiências em torno do trabalho colaborativo, com base na BE, tiveram resultados limitados, pelo que não pudemos identificar modelos a seguir. Por outro lado, a RBE confere-nos liberdade para reinterpretar a mudança que iniciou em 1996, pelo que somos livres de seguir exemplos de outros países que valorizam o trabalho colaborativo, como os que são descritos por autores norte-americanos e outros.

Depreendemos, contudo, a partir do Relatório “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares”, que nas orientações da tutela subjaz a ideia de que existe uma relação directa entre a mudança de concepções dos docentes e a vivência de uma “nova” BE, que deve ser proporcionada por uma equipa diligente e com formação adequada, que contudo se encontra numa posição subsidiária. O “currículo de LI”, preconizado a partir do “modelo de auto-avaliação” de 2008, deve ser alcançado nestas condições. Em nossa opinião, esta ideia constitui uma concepção prévia, generalizada, que devemos ter em consideração, e que pretendemos substituir por outra, tal como se descreve na figura 5. Assim, ainda que os professores sejam os únicos responsáveis pela mudança das próprias concepções, essa mudança poderá ser catalisada pela vivência de práticas diferentes em colaboração com o PB. Só assim, o PB enquanto professor e “especialista em informação”, em pé de igualdade com os professores, poderá negociar soluções de ensino de competências de informação

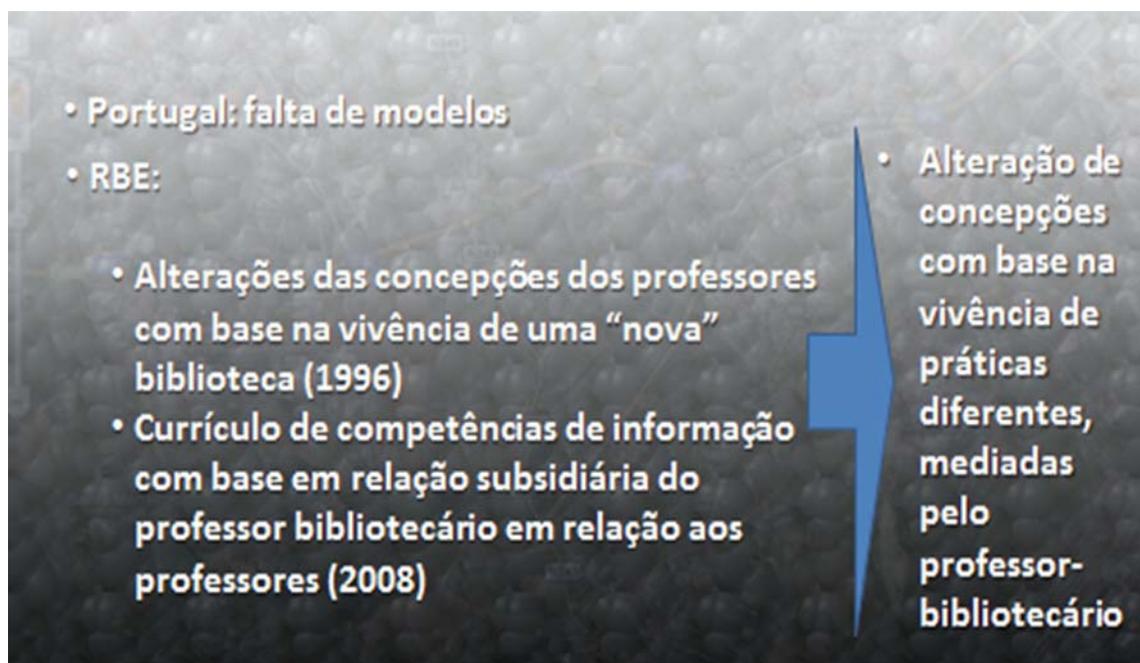


Figura 5 – Deduções sobre o contexto em que se insere a acção do professor bibliotecário

“para a sala de aula”, com base nos recursos de informação e difundir essas soluções através de redes colaborativas, progressivamente maiores, com implicações no currículo, ao ponto de surgir, daí, um “currículo de literacia da informação”, que possua significado para a escola.

Conclusões do estudo:

Retomando as questões de partida, pudemos concluir o seguinte:

1. Qual a relação entre as concepções e as práticas declaradas pelos professores e as expectativas que idealmente estes devem assumir no que respeita à planificação e desenvolvimento do currículo em colaboração com a BE?

Dando maior crédito aos comportamentos dos professores, que espelharão mais fielmente as suas concepções, pudemos concluir que terão ocorrido algumas mudanças conceptuais, atendendo ao número de professores que nos convidaram para as “suas” aulas (colaboração com nove professores e trabalho de coordenação e cooperação com treze docentes) e que aderiram à

formação (dez docentes) e estiveram presentes na sessão de sensibilização (cem professores). Notámos, também, uma mudança de linguagem, no que respeita ao processo de pesquisa, e que passa pelo reconhecimento da necessidade de apoiar, de forma explícita, os alunos no desenvolvimento das competências de informação. Esta alteração denota uma aproximação do vocabulário entre os inovadores e os docentes e um progresso positivo do processo de mudança. Neste âmbito, observou-se uma consciencialização acerca de um mito sobre as “metodologias activas”, segundo o qual os alunos devem desenvolver trabalhos de pesquisa de forma autónoma, sem a intervenção do professor, independentemente das capacidades que possuem para construir conhecimento, esperando-se que estas melhorem através da repetição deste tipo de tarefa. A pesquisa era vista por alguns docentes como “uma actividade um pouco sem rumo”, estendendo-se este equívoco ao papel de orientador/ facilitador, que se limitava à monitorização das fases do projecto e à avaliação de um produto final, sem o acompanhamento do processo de transformação da informação. Esta situação, que se traduz, frequentemente, no recurso ao “copy/paste”, poderá ser agravada pela confusão entre competências de informação e competências tecnológicas, sobretudo se os docentes sobrevalorizarem o domínio destas últimas pelos alunos. A adopção de um modelo de pesquisa pode apoiar tanto os professores como os alunos na superação dos problemas acima descritos.

2. Em que medida as estratégias de intervenção que implementámos afectaram as concepções e as práticas declaradas pelos professores e predisuseram à participação no programa da BE?

Através da segunda questão de investigação, pretendemos identificar as formas mais eficazes para modificar as concepções dos professores. Concluimos que ao nível da comunicação, de entre os vários actores e estruturas da comunidade educativa, a quem cabe veicular a informação sobre o projecto de intervenção, foi a BE que exerceu uma maior influência. Esta conclusão evidencia a importância da adopção pela BE de um papel activo, tendo em vista a consecução dos objectivos pretendidos. Os Conselhos de turma surgiram no fim da lista, o que atesta a sua impenetrabilidade à mudança, pese embora a sua importância no que respeita à integração curricular.

A formação, por seu turno, contribuiu para aumentar a quantidade e a qualidade do trabalho desenvolvido em conjunto.

3. É possível detectar o surgimento de comunidades de prática ao nível do programa da biblioteca escolar?

Identificámos alguns elementos que, por se empenharem no desenvolvimento do trabalho proposto e estarem dispostos a partilhar as suas experiências, de modo a envolverem outros e a melhorarem a qualidade da acção, considerámos fazerem parte de uma comunidade de prática. Estes docentes têm contribuído para a sobrevivência do projecto, confirmando e reforçando a importâncias dos objectivos e dos meios aplicados, sendo que alguns, já num período posterior à conclusão deste estudo, acabaram por assumir um papel fundamental no alargamento do trabalho à escola.

Apresentamos, por fim, um conjunto de saberes práticos, relativos aos contributos possíveis do PB para a mudança das concepções dos docentes. Assim, o PB deverá:

- procurar, simultaneamente, envolver as lideranças e os professores, encabeçando uma estratégia de integração da LI no currículo;
- clarificar e aferir o vocabulário com os professores para que este não constitua um obstáculo ao entendimento e à colaboração;

- intensificar a comunicação e aperfeiçoar a mensagem e multiplicar os momentos e modos de comunicação;
- através da formação, criar um espaço para questionar e vivenciar práticas diferentes, com base na reflexão individual e conjunta;
- demonstrar, através do exemplo e das narrativas, as práticas defendidas, nomeadamente as reflexivas, e divulgar os resultados alcançados. Adotar um modelo de pesquisa e organizar um kit de instrumentos e procedimentos para ser partilhado com os professores, que assegure um patamar de qualidade e a integração de boas práticas;
- adaptar-se ao estilo dos docentes, procurando corresponder às suas necessidades e envolver o maior número de professores, com diferentes experiências de ensino;
- ser perseverante e procurar aperfeiçoar o processo de mudança para evitar a cristalização de problemas e a burocratização durante a fase de institucionalização.

Recomendações do estudo

No que toca a recomendações, a partir deste estudo, preconizamos a transição do “ensino integrado”, focalizado em projectos de âmbito restrito, para o nível de “currículo integrado”, através da planificação do ensino de competências de informação nos Conselhos de Turma, sustentado pelos Departamentos e Grupos de Recrutamento e pela BE. Esta planificação, a incluir nos projectos curriculares de turma, num quadro de interdisciplinaridade, deve basear-se no diagnóstico das competências dos alunos e no mapeamento do currículo, e contemplar a partilha de responsabilidades entre os professores e a BE. Assim, “aquilo que é ensinado aos alunos” será perspectivado de uma forma abrangente, nomeadamente no tempo, respeitando-se e reforçando-se, contudo, a especificidade das disciplinas. Deste trabalho poderá emergir um currículo significativo e flexível de LI, com efeitos ao longo do percurso escolar, supervisionado pelo PB.

A evolução do trabalho, tendo em consideração o constrangimento ligado à extinção de Área de Projecto e o surgimento de novas oportunidades, através das Metas de Aprendizagem e do Programa Educação 2015

Na continuidade do processo de institucionalização, iniciado no final do estudo, o projecto “Uma aula através da BE/CRE” deu lugar ao “Programa de Integração das literacias no currículo da [...]”, visando concretizar iniciativas de colaboração, abrangendo os professores, os órgãos de gestão pedagógica e a BE, orientadas para o desenvolvimento de competências de informação, matemática e científica. A assunção do Programa pelos Coordenadores de Departamento, das ACND, dos Directores de Turma e da BE surgiu num momento em que se coloca o constrangimento da extinção de AP, que serviu de pilar inicial, a par de novas oportunidades associadas ao Programa Educação 2015 e às Metas de Aprendizagem. Estes dois últimos projectos exigem à escola a definição de estratégias, no seio da qual, a BE deve reforçar o seu papel, procurando concorrer, de modo decisivo, para a melhoria do ensino.

Importa, pois, tirar partido de toda a experiência adquirida para mover o centro de acção de AP, por inerência palco das metodologias activas, para as disciplinas curriculares, em que se valorizam e/ou aplicam modelos cujo pendor varia desde o behaviorismo até ao construtivismo, de modo a dar-se continuidade aos trabalho iniciado. O modelo de pesquisa auxiliará os docentes a reconhecerem o “lugar” que as várias competências, que descreve, ocupam no processo de aprendizagem dos alunos (organização das ideias, extracção de informação, eficácia da leitura, organização de apontamentos, elaboração de resumos, etc.) e facultará aos mais tradicionalistas e receosos uma via acessível para iniciarem, com segurança, a aplicação de metodologias activas na

sala de aula. Esta estratégia deve aliar-se à introdução do novo Programa de Português do Ensino Básico, de modo a que os docentes do correspondente Grupo de Recrutamento articulem a sua acção com a BE, as ACND e demais parceiros empenhados em alcançar a “integração curricular”.

Será pois conveniente redireccionar e aprofundar o trabalho iniciado, apostando, como se

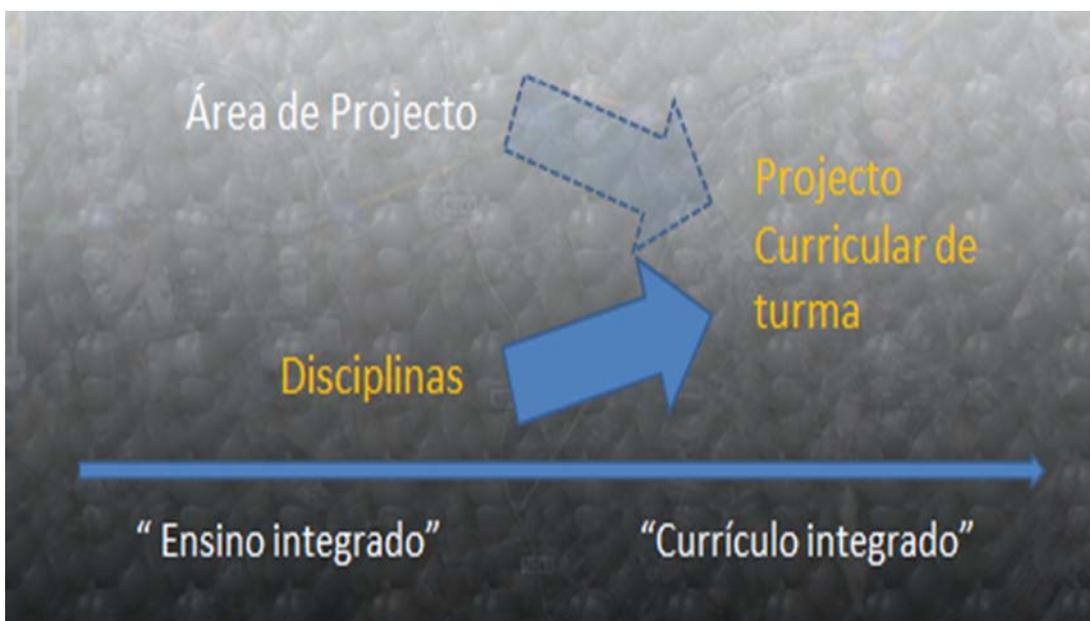


Figura 6 - Reforçar o "ensino integrado" e o "currículo integrado", promovendo progressivamente este último, através das disciplinas curriculares e dos conselhos de turma

indica na figura 6, tanto no reforço das situações de “ensino integrado”, experimentadas pelos professores a título individual e colaborativo, como na promoção da “integração curricular”, pelos conselhos de turma, com o apoio da comunidade de prática gerada em torno do processo.

Bibliografia

Montiel-Overall, Patricia (2005). *Toward a theory of collaboration for teachers and librarians*. Acedido a 1 de Dezembro de 2009 em <http://news.ala.org/ala/mgrps/divs/aasl/aaslpubsandjournals/slmrb/slmrcontents/volume82005/theory.cfm>.

Rodrigues, Maria do Céu Gomes Dias (2010)- *Estratégias para demonstrar o valor da biblioteca escolar e obter colaboração : um estudo numa escola secundária com 3º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta (Dissertação).

Todd, Ross (2003). "Irrefutable Evidence: How to prove you boost student achievement". *School Library Journal*. Acedido a 20 de Fevereiro de 2009 em <http://www.schoollibraryjournal.com/article/CA287119.html>.

Notas finais

¹ O termo concepção significa "faculdade ou acto de apreender uma ideia ou questão, ou de compreender algo; compreensão, percepção"; "modo de ver ou sentir, ponto de vista; entendimento, noção" (Houaiss, 2005).

